

FICHTELGEBIRGE: A COLÔNIA ALEMÃ DO PINHAL NO OLHAR DOS VIAJANTES

Adriano Sequeira Avello*

Denise Verbes Schmitt**

Marta Rosa Borin***

Introdução

O presente artigo tem como proposta analisar a Colônia do Pinhal, fundada em 1857, por imigrantes/colonos alemães, através dos relatos descritos pelos viajantes do século XIX. Atualmente a Colônia corresponde ao município de Itaara - RS, cidade próxima a Santa Maria – RS. A imigração alemã para o Pinhal está inserida na primeira fase da colonização alemã (1824-1830) e, também, na segunda fase (1844-1889). Pois, não temos como precisar com maior exatidão quando chegaram os imigrantes alemães para colonizar o Pinhal, haja vista que não houve um processo sistemático, com direcionamento específico para a formação da Colônia porque os colonos que ali se assentaram haviam anteriormente percorrido o território da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, portanto vinham de migração interna.¹ Já a colonização do território do Pinhal pelos imigrantes alemães, ocorrida entre 1853-57², deu-se após conflito da Guerra dos Farrapos (1835-1845) e Lei de Terras de 1850.

* Graduando em História - Licenciatura Plena e Bacharelado - da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: <adrianos.avello@gmail.com>.

** Mestranda em História no PPGH da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Co-orientadora. E-mail: <jse0770@yahoo.com.br>.

*** Professora do Departamento de Metodologia do Ensino/Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS/Brasil); Doutora em História pela UNISINOS; Membro do Grupo de Pesquisa História Platina: sociedade, poder e instituições, UFSM/CNPq/Brasil; Membro do Grupo de Pesquisa História: Religiosidade e Cultura, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC/CNPq/Brasil; Membro do Grupo de Pesquisa Memória, Ensino e Patrimônio Cultural, do Núcleo de Estudos de Memória e Cultura (NEMEC/PPGH), Universidade de Passo Fundo, UPF/CNPq/, Membro do Grupo de Trabalho História das Religiões e Religiosidades, Seção Rio Grande do Sul, Associação Nacional de História (GTHRR/RS/ANPUH/Brasil). Orientadora. E-mail: <mrborin@gmail.com>.

¹ Como forma de padronização textual utilizar-se-á a nomenclatura de *imigrantes* ao invés de *migrantes* para se dirigir aos colonos alemães do Pinhal. Sobre a migração interna dos fundadores da Colônia do Pinhal ver mais em AVELLO, Adriano Sequeira. A colônia do Pinhal (1850-57) - os imigrantes. *Oficina do Historiador*, v. I, p. 1870-1883, 2014.

² AVELLO, Adriano Sequeira; BORIN, Marta Rosa. A Colônia do Pinhal - uma colonização alemã em Itaara/RS. In: RAMOS, Heloisa H. Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel C.; WITT, Marcos Antonio (Org.). Festas, comemorações e rememorações na imigração. Ied. São Leopoldo: Oikos, 2014, v. 1, p. 1744-1764. Publicado em mídia CD-ROM.

Na Província, a organização de colônias formadas por imigrantes estrangeiros era, sobretudo, necessária e urgente, pois a agricultura direcionada para mercado interno, que havia florescido durante a segunda metade do século XVIII e no início do século XIX não tinha se recuperado da crise do trigo e dos resultados da Revolução Farroupilha. Ainda, o povoamento a partir da criação de comunidades agrícolas sedentárias permitiria a reconfiguração de uma sociedade dualista no sul baseada na agricultura e não apenas na pecuária (CUNHA, 2006, p. 290). Devemos considerar que a Província era um espaço com fronteiras em formação e que possuía grandes espaços vagos, o que gerava insegurança. As colônias ajudaram no povoamento, na geração de alimentos, na formação de uma classe intermediária. A temática sobre a Colônia do Pinhal que estamos desenvolvendo faz parte da nossa pesquisa para o trabalho de conclusão de graduação.

A literatura de viagem: viajar, olhar e narrar

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa.

José Saramago (1922-2010)

Para analisar o texto deixado pelos viajantes é necessário saber como abordar o relato de viagem “uma importante fonte primária, pois é uma narrativa acerca dos imigrantes, da família e do cotidiano, do espaço geográfico, além servir como propaganda para o europeu “da América enquanto fronteira em expansão”” (MÜHLEN, 2013, p. 46). Para se aproximar de uma teoria e de um método de trabalho com o que define-se como *literatura de viagem* recorreremos a Lisboa (2011, p. 82) quando o autor sugere indagar o que é decisivo para que um texto possa assim ser identificado:

Vale perguntar o que exatamente é decisivo para que um texto seja considerado literatura de viagem: É *grosso modo*, o deslocamento do autor pelo espaço físico, por tempo determinado, implicando um retorno ao “seu” lugar de origem e a transformação do observado e do vivido em narrativa. Essa premissa não esgota a abrangência do gênero. Sua história revela inúmeras formas de errância e inúmeros estilos de descrições. Diferenças que, demarcadas pelas condições históricas e pela dimensão dos autores, como já mencionado, impedem uma definição muito rigorosa do gênero. Suas manifestações

caminham entre crônica, a epístola, o romance, a poesia, o diário e o relato científico, pesquisa etnográfica, acrescentando não raramente de material iconográfico e de mapas. Trata-se portanto de um gênero absolutamente híbrido.

De acordo com Lisboa (2011, p. 83) o antropólogo Lévi-Strauss, na obra *Tristes Trópicos*, pensando no que significa viajar oferece, no mínimo, cinco dimensões da viagem: “as primeiras duas se referem ao espaço, e o deslocamento num sistema de duas coordenadas - as anotações e os mapas ocorrem a partir daí. A terceira dimensão, válida, sobretudo para o viajante dos séculos XVIII e XIX, é a escalada de uma montanha”. Assim, “aproveita-se a metáfora da visão ampla e totalitária que a altura propicia para refletir sobre as experiências da viagem e o país visitado. A quarta dimensão é a do tempo”, quando:

O viajante movimenta-se a partir do tempo de seu lugar de origem. Na medida em que o viajante se desloca, ele vai movimentando-se cronologicamente, criando a sua própria temporalidade. Espaço e tempo estão intimamente interligados. Além disso, em sua viagem temporal, ele atravessa diferentes tempos históricos e culturais. A viagem pode ser para o passado como para o futuro (LISBOA, 2011, p. 83).

É necessário lembrar que as dimensões propostas por Lévi-Strauss, no que tange ao viajante tem no pensamento ocidental cristão, ao longo do século XIX, “que acreditava numa temporalidade única da humanidade” na qual “as etapas seguem uma lógica linear. Nesse sentido, o deslocamento temporal significa para o viajante a passagem por diferentes etapas do desenvolvimento cultural, histórico, econômico e social”. Acerca da temporalidade única e linear da humanidade “acreditamos que essa ruptura com o tempo linear também depende da capacidade do viajante enxergar a diversidade cultural [...]”. A quinta dimensão ocupa o social, uma vez que o viajante tem mais facilidade no contato com as várias camadas sociais, diferente da sociedade local, principalmente no século XVIII e XIX, devido as fortes hierarquias (LISBOA, 2011, p. 83-85). Então, será conceituando teoricamente a literatura de viagem como um gênero híbrido e tendo metodologicamente as cinco dimensões de viajar (espaço, deslocamento, escalada de montanha, tempo, social) que analisaremos a Colônia do Pinhal esboçada na narrativa dos viajantes.

A Colônia do Pinhal: narrada no olhar dos viajantes do século XIX

A imigração e colonização que inicialmente havia sido promovida pelo Estado, em 1824, com a vinda dos primeiros “alemães” para São Leopoldo, a partir de 1850 encontrou novos entraves, devido às mudanças políticas e econômicas que mudaram o panorama da imigração no país. Pois, a promulgação da Lei de Terras acabou promovendo a mercantilização da terra, ou seja, as terras passaram a ter um valor de troca e não mais de uso. Com isto surgiu à expansão das colônias privadas – realizada por empresas ou por particulares - em detrimento as Colônias públicas, instituídas pelo Estado. Dentro deste contexto é que surgiu o estabelecimento da Colônia do Pinhal, fundada em 1857, por iniciativa privada - particular, com o intuito de fixar imigrantes alemães e/ou seus descendentes.

A colônia foi organizada por três famílias pioneiras as de Miguel Kroeff, Jacob Albrecht e Jacob Adamy que compraram as terras na região e dividiram entre os demais imigrantes (BRENNER, 2007, p. 1). Contudo, Miguel Kroeff adquiriu mediante compra muitos lotes, próximos e confrontantes, sendo possuidor de três escrituras de terras o que para um único produtor desembolsar o valor de pagamento para uma extensa área de terra suscita a hipótese de apoiar-se numa sociedade colonizadora (RUPPENTHAL, 2000, p. 11). Como assevera Brenner (2007, p. 2) “à Sociedade Colonizadora” era “formada por Miguel Kroeff e Johann Jacob Albrecht [...]”, contudo “Kroeff foi o líder empreendedor da Colônia Alemã do Pinhal”.

Para cotejar como a Colônia do Pinhal foi descrita pelos viajantes que conheceram *in loco* o núcleo populacional germânico do Pinhal, iremos no embasar na obra organizada por José Newton Cardoso Marchiori e Valter Antônio Noal Filho, *Santa Maria – relatos e impressões de viagem* (1997), a qual integra muitas narrativas acerca de Santa Maria, sobre a região do Pinhal e a colônia alemã. Para tanto, selecionamos para a discussão os seguintes viajantes, seguido do ano em que estiveram no local: o porto-alegrense, juiz de direito, Luiz Alves Leite de Oliveira Bello (1856); o médico-naturalista, alemão, Robert Avé-Lallemant (1857); o milanês Henrique Schutel Ambauer, viagem no final da década de 1850; o advogado (viajante-memorialista)

pernambucano José Hemetério Velloso da Silveira, sua passagem por Santa Maria data de 1876.³

O relato de Luiz Alves Leite de Oliveira Bello é reproduzido por Marchiori; Noal Filho (1997, p. 42) com o seguinte teor:

Agosto - 25 [de 1856] às 8 horas da manhã deixei a casa do Sr. José Gomes Porto, e saí de Santa Maria, acompanhado por ele, pelo Ten. Cel. Valença [é o Comandante do Corpo das Guardas Nacionais] e por mais 10 pessoas das principais do lugar. A poucas quadras de distância da Freguesia entrei na picada da serra, e a meia légua encontrei a grande estrada do Pinhal, de cuja obra é inspetor o Guarda-mor Francisco de Paula e Silva. É uma excelente estrada através da Serra, que comunica a freguesia de Santa Maria com a de São Martinho e conseqüentemente com o Município da Cruz Alta. Deverá ter légua e meia de extensão desde o campo de Cima da Serra até Santa Maria, mas está aberta somente na extensão de uma légua; tem duzentos palmos de largura; tem poucas voltas; e seus trabalhos têm sido muito bem executados. Há somente no meio, pouco mais ou menos de sua extensão total, um pequeno barranco (vulgo taimbé) de meia quadra de extensão, onde será necessário construir-se um forte paredão de pedra, e fazer algum aterro. Esta estrada, que ficará magnífica depois de calçada, tirará muita importância a São Martinho, porque atraíra toda grande comunicação do Município da Cruz Alta com a Cachoeira, a Santa Maria, a que se fazia por aquela Freguesia. As carretas irão otimamente até Santa Maria, e pouparão algumas léguas de caminho. [...] Na boca da estrada do Pinhal, ao sair aos campos de Cima da Serra, na casa e engenho de serrar do impertinente velho Manoel Alves, despedi-me das pessoas que me haviam acompanhado desde Santa Maria (BELLO apud MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 42).

O relato de Luiz Alves Leite de Oliveira Bello foi “[...] publicado como *Diário de uma Viagem ao Interior da Prov.^a de São Pedro em 1856*, transcrito do original pelo santa-mariense Jango Fischer”, apresenta a região nas cercanias da localidade do Pinhal⁴ com seus municípios limítrofes: Santa Maria, São Martinho da Serra e Cruz Alta; e a construção da estrada do Pinhal que posteriormente da construção será renomeada como

³ As obras das quais Marchiori e Noal Filho (1997) organizaram tais viajantes, respectivamente são: BELLO, Luiz Alves Leite de Oliveira. *Diário de uma Excursão Eleitoral – Agosto de 1856*. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. n. 79, 1940, Porto Alegre. AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. AMBAUER, Henrique Schutel. *A província do Rio Grande do Sul – descrição e viagens – 2ª Parte*. 1873 (Manuscrito). SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. *As missões orientais e seus antigos domínios*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 2. ed., 1979.

⁴ A época integrava o 3º distrito administrativo e judiciário denominado Estação Colônia o qual pertencia a Santa Maria (BELÉM, 2000, p. 187).

Estrada Geral. A descrição da viagem por Bello demonstra a orientação geográfica do viajante com uma riqueza de detalhes certificando a dimensão do deslocamento no espaço. Isto também fica evidente na tentativa do viajante Henrique Schutel Ambauer (MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 55, grifo nosso) narrar o próprio caminho que se apresenta na vegetação tropical:

Sobe-se a serra em Santa Maria pela estrada chamada do Pinhal, única via de comunicação que mereça o nome de estrada. Feita expressamente para pôr em comunicação os distritos do platô [subida para o planalto médio], só tem um ponto um pouco íngreme, percorrendo no restante uma colina pouco sensível. [...] Quantas vezes o viajante, já cansado da jornada, pergunta se pode atingir este ou aquele ponto antes que anoiteça e dizem-lhe que não se pode gastar mais de meia hora para chegar ao lugar que deseja e muitas vezes nem em duas horas o consegue? Por isso, é vulgarmente chamada légua de beijo – a que indica o campeiro quando é interpelado. Expressão bem apropriada por ser costume indicar as distâncias com uma ligeira contração da boca. [...] A nossa direção era para Cruz Alta, situada sobre o platô, para onde seguimos na madrugada do dia marcado. Seguimos, pois, a estrada que sobe ao nordeste de S. Maria e agarramos a estrada do Pinhal. **Tinha observado em distância a beleza desta serra, não muito alta, porém coberta de uma esplêndida vegetação. Restava-me ver a imponência desta imensa floresta cuja vegetação ostenta proporções verdadeiramente grandiosas.** A estrada cortada em zig-zag pela vertente das montanhas que formam essa cadeia, passa diversas vezes por um arroio que, com nome de Passa-sete, serpenteia entre essas montanhas e vai formar ao oeste um dos afluentes orientais do Vacacaí. Como já disse, esta estrada é excelente, tornando-se amena a subida, não só por encontrarem-se frequentemente as graciosas casinhas dos colonos, **como por dominar-se em diversos pontos o esplêndido panorama do vale que se estende aos pés da serra.**

A admiração com certa contemplação da natureza pelos viajantes encontra respaldo na seguinte relação, como explica Fleck (2006, p. 297):

Se no século XVIII o pensamento científico iluminista europeu via a natureza do Novo Mundo como inferior à flora e à fauna do Velho Mundo, no início do século XIX as concepções seriam modificadas em face da recuperação das representações positivas da natureza. Nesse sentido, o século XIX foi marcado pela gradual supressão das visões negativas em relação à natureza, e a americana. Se por um lado, o ambiente natural era positivado, por outro, o homem - que fazia parte dessa natureza - era tomado como aquele que se encontrava em processo evolutivo, assumindo, em razão disso, uma condição de inferioridade em relação ao homem europeu.

O advogado José Hemetério Velloso da Silveira contava o rumo que tomara: “Ao amanhecer do sexto dia de nossa partida do Rio Pardo, resolvemos prosseguir a viagem subindo a Serra Geral pela estrada de rodagem que atravessa a emancipada colônia alemã de Pinhal” (MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 155-6). Esta que o médico alemão Robert Avé-Lallemant descreve na visita a Pinhal, isto é, o que em outras palavras objetamos ser a conversa que teve com Kroeff sobre o desenvolvimento do local: “Ao mesmo tempo eu prometera fazer uma visita a um alemão, Miguel Kröef, que possuía uma terra perto de Santa Maria e ali fundara uma pequena colônia alemã. A região chama-se Pinhal - “Fichtelgebirge” - como chamavam jocosamente aquele distrito, por causa dos pinheiros brasileiros, as araucárias, que ali, formam as matas” (MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 46). Avé-Lallemant conhece a Colônia alemã do Pinhal e como naturalista enfatiza a flora sobressaindo a peculiaridade do local a *Fichtelgebirge* que é uma “montanha alemã, na Francônia, Baviera. Um dos picos, *Schneeberg*, tem 1.053 metros de altura” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 217).

Fizemos, através da floresta, uma excursão à casa de um colono alemão, em cujo sítio medravam excelentemente o milho, a batata, o feijão e abóbora. Lá nos improvisaram um pequeno almoço de carne, pão, queijo e marmelada, muito bom passadio ao lado da indigência da casa. Saindo de lá, chegamos à casa do alemão Kröef, que me pedira, em Santa Maria, que o visitasse. O asseio da casa e do pequeno estabelecimento comercial era verdadeiramente surpreendente, mas inteiramente em harmonia com os moradores. Lá passei o dia, e, sem dúvida, com isso não perdi meu tempo. Como já disse, a região onde achava chama-se Pinhal. O alemão acima referido comprara uma bela faixa de terra e mandara dividi-la em colônias. Onze famílias já se mudaram para ali e lançaram os fundamentos de uma colônia alemã, cuja prosperidade parecia garantida, não fosse a má vontade de vários proprietários vizinhos. Pois levantou-se até a opinião de que Kröef incluía em sua medição terras pertencentes ao governo. Removida essa insegurança, a laboriosidade dos colonos e a fertilidade do solo conduzirão a um melhor futuro. Depois de seis meses de trabalho, diversas famílias já tiveram uma boa colheita e venderam seus produtos a muito bom preço. Já foram montados, perto, dois curtumes e uma serraria, estando ambas as indústrias em plena atividade. É, pois, um começo muito louvável. E, no entanto, a colônia, como todos os empreendimentos similares sob auspícios particulares, causou-me apreensões. No alto da serra, tudo está ainda sem firme coesão. Ainda não há escola, nem igreja de qualquer confissão. Sem dúvida Kröef pensou nisso, mas, de onde virão os recursos para promover todas as instalações necessárias a uma colônia? Muitos empreendimentos particulares semelhantes são iniciados e não podem desenvolver-se completamente sem um grande auxílio do governo. E mesmo quando o governo faz um grande sacrifício, não se tornam fortes esses

empreendimentos isolados. Passam por um período de estiolação até que, desprendidas do empresário particular, lentamente se expandem (AVÉ-LALLEMANT apud MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 47).

Um relato apurado de Avé-Lallemant da colônia alemã na qual Miguel Kroeff iniciou com a compra de uma extensão de terras, no Pinhal, instalando onze famílias que no trabalho agrícola em apenas seis meses conseguiram uma boa colheita contendo estabelecimento comercial, curtumes e serraria.

Todavia, para Avé-Lallemant isto não é suficiente, pois “no alto da serra, tudo está ainda sem firme coesão. Ainda não há escola, nem igreja de qualquer confissão”. Sobressai-se, então, a dimensão do tempo - temporalidade única e linear - já que inclui a comunidade alemã que encontra dentro da lógica linear europeia, isto é, avaliando que para estar firme e coesa a base da sociedade requer às instituições que promovam um desenvolvimento da humanidade. Um ato dúbio porque consegue perceber a diversidade cultural, entretanto não estabelece uma alteridade e coloca o grupo de colonos no curso histórico das civilizações.

Essas aproximações e afastamentos que ocorrem entre o viajante Avé-Lallemant e o (des)conhecido revelam a dimensão social, uma vez que o narrador não sente-se integrado culturalmente devido a sensíveis contrastes, quase indeléveis, que o desalojam das concepções históricas que trouxe na bagagem do pensamento. Como salienta Lisboa (2011, p. 84) sucede que

[...] apesar de a América Latina já ter-se acomodado no imaginário europeu, desde a conquista e os primeiros textos que circulavam - e de não ser tão estranha - a viagem sempre leva o observador a se confrontar com o “desconhecido”, desafiando a sua capacidade de observação, de registro e descrição. O confronto com o ignoto e as formas de apreendê-lo remetem a uma questão central que perpassa a literatura de viagem. De modo geral, a descrição do “desconhecido” depende das condições do observador e de como se ele está “preparado” para enxergá-lo. E as “estratégias” para tanto previamente elaboradas, que variam conforme o tipo de observador de viagem e do período histórico, nem sempre permitem ao estrangeiro dar-se conta do “desconhecido”, do “diferente”, da “alteridade”. Isso significa que as fronteiras entre a mentira, a ficção, a omissão e a “verdade” são móveis.

A literatura de viagem serve como uma primordial fonte para historiografia como também para a literatura, sociologia e antropologia. Considerando que os relatos são informações compostas de representações, de reinvenções da realidade baseada nas interpretações de mundo dos viajantes transformando a historiografia de uma memória (FLECK, 2006, p. 273).

Algumas considerações finais

O recolhimento dos relatos dos viajantes que se inseriram na região do Pinhal - *Fichtelgerbige* - e a Colônia do Pinhal nas suas narrativas permite aos leitores refazer a viagem na narrativa sem nunca ter firmado os pés no território. Ainda que representada com o filtro interpretativo do século XIX cabe ao leitor encontrar a imagem que busca nos olhares dos viajantes.

Em suma, com a possibilidade de articular como metodologia as *dimensões de viajar*, propostas por Lévi-Strauss na compreensão da literatura de viagem, pode-se traçar uma breve discussão acerca da colônia do Pinhal como também reconhecer a narrativa dos viajantes como uma fonte primária importante para o estudo historiográfico.

Referências

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980, p. 217-223.

AVELLO, Adriano Sequeira. A colônia do Pinhal (1850-57) - os imigrantes. *Oficina do Historiador*, v. I, p. 1870-1883, 2014.

AVELLO, Adriano Sequeira; BORIN, Marta Rosa. A Colônia do Pinhal - uma colonização alemã em Itaara/RS. In: RAMOS, Heloisa H. Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel C.; WITT, Marcos Antonio (Org.). *Festas, comemorações e lembranças na imigração*. 1ed. São Leopoldo: Oikos, 2014, v. 1, p. 1744-1764. Publicado em mídia CD-ROM.

BELÉM, João. Da comarca e dos distritos municipais. In: _____. *História do Município de Santa Maria 1797/1933*. 3. ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000, p. 181-208.

BRENNER, José Antonio. *Pinhal - 150 anos - Itaara*. Folheto 4f. Santa Maria: [s.n.], 2007.

CUNHA, Jorge Luiz da. Imigração e Colonização Alemã. In: PICCOLO, Helga Iracema L.; PADOIN, Maria Medianeira (dir.). *Império*. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul) vol. 2. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 279-300.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. De terra de ninguém à terra de muitos: olhares viajantes e imagens fundadoras (do século VXII ao XIX). In: CAMARGO, Fernando; GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloisa (dir.). *Colônia*. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul) v. 1. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 273-307.

LISBOA, Karen Macknow. Aproximações teóricas e de métodos: a literatura de viagem. In: _____. *Mundo novo mesmo mundo: viajantes de língua alemã no Brasil (1893-1942)*. São Paulo: Hucitec-Fapesp, 2011, p. 82-89.

MARCHIORI, José Newton Cardoso; NOAL FILHO, Valter Antônio (Orgs.). *Santa Maria – relatos e impressões de viagem*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997.

MÜHLEN, Caroline von. Sob olhar dos viajantes: colônia e imigrante alemão no Rio Grande do Sul. In: _____. *Degredados e imigrantes: trajetórias de ex-prisioneiros de Mecklenburg-Schwerin no Brasil Meridional (século XIX)*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013, p. 46-67.

RUPPENTHAL, Paulo Roberto. *A colônia alemã do Pinhal, século XIX: origens, formação e desenvolvimento*. Trabalho Final de Graduação do Curso de História. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2000.